



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

9 de Outubro de 1999 • Ano LVI - N.º 1450
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Setúbal

Leite para os Famintos de Malanje

TEMOS andado todos sufocados com o drama de Timor! Muita dor! Muitas lágrimas e tanta angústia perante a impotência!...

Apesar de triturado por outros sofrimentos, também me tenho deixado dominar pelo evoluir, hora a hora, dos acontecimentos, sabendo, de certeza, que quem mais sofre, quem morre, quem é esquecido são os mais frágeis e os mais pobres. Em todo o mundo, em toda a história foi... sempre... assim!

Não me deito nem adormeço sem ligar o rádio e ao acordar quero logo saber. É instintivo!... Mas não quero falar mais desta sombra que me dá ganas de ardentemente desejar ser cada vez mais pobre e detestar o mundo mais as maneiras dos grandes.

A hipocrisia é evidente! E o seu culto cada vez mais sedutor e mais instalado!...

Quero comunicar a beleza de outros corações pobres que, à pressa, acorreram ao grito do Padre Telmo: «um quilo de leite para os Famintos de Malanje»!... com ingénua candura, tão simples e tão cristã!... Como se a gente pudesse logo levar-lho! A proximidade do amor encontra distâncias e elas tornam-se uma ilusão para quem ama! Sempre assim foi!...

Para Malanje o leite vai em sacos de 25 quilos. O transporte é muito caro. As embalagens em caixas ocupam demasiado espaço, mas o gesto singelo e puro tem sabor sobrenatural. Enchemos a alma! Como é bom viver a Fé!...

De Barcelos, para este fim, vieram trezentos contos e de muitos lados pequenas quantias que depositamos na conta de Malanje.

Nas paróquias mais pobres da cidade, S. José e S. Sebastião, geraram-se movimentos e fizeram-se grupos. S. José entregou cento e setenta e

quatro mais umas centenas de escudos. S. Sebastião há-de entregar.

Da Quinta do Anjo vieram três ofertórios e das Cabanas, um; outro, dum casal, duzentos contos; e mais outro, de Amigo com lágrimas de revolta, cinquenta mil escudos.

O genocídio de Timor é enorme, mas o de Angola é muito mais vasto!

O nosso Lar sem uma Mãe é uma casa sem lareira

NO Lar de Setúbal o chefe é o Luís Filipe. Um rapaz da Moita que criámos desde pequenino!

Novinho e sério frequenta o 10.º ano. Espero que não se deixe levar pelas fortes correntes da mediocridade que o rodeiam, mas agente o seu posto com dignidade, respeito, justiça e amor!

O Lar sem uma Mãe é uma casa sem lareira. A Mãe é um aconchego muito atraente! Sem ela somos órfãos! É para o que o mundo se prepara! Para a orfandade!

Padre Acílio



Um pequenito de Malanje

CALVÁRIO

O limoeiro

PLANTAMOS uns limoeiros à beira dum reduzido curso de água. Esperámos pacientemente e as árvores folhosas começaram a dar limões.

Passo por ali muitas vezes e deparo sempre com frutos de todos os tamanhos. Flores pequenas estão sempre a rebentar, ao longo do ano; e, ao deixarem cair as pétalas, mostram logo o fruto nascente.

São as árvores mais generosas que conheço. Não se cansam de dar fruto. A sua generosidade espantou-me. Às vezes, um galho quebra com o peso dos limões já bem amarelecidos. Não pedem nada a ninguém. Somente desejam que as aliviem do seu peso.

Tenho pena que Cristo não se tivesse lembrado dos limoeiros para fazer deles uma parábola sobre a Igreja. Talvez os não houvesse por aqueles lados.

Pois, a Igreja está no mundo para dar fruto, através dos seus membros. É a sua função: dar sempre, sem nada pedir em troca, gratuitamente a exemplo do Seu fundador.

A Igreja sem frutos não cumpre a sua missão. E se os frutos não souberem a amor verdadeiro, nem forem dados com total gratuidade enganam quem os recebe. É puro comércio.

Tenho aprendido muito com os limoeiros. Vejo semelhanças, aqui no Calvário, na entrega dos doentes uns aos outros. Também eles não se fatigam de partilhar as forças, às vezes, fracas e escassas.

Mas há quem não aprecie nem compreenda este labor. Foi assim com alguém que veio para ajudar por umas horas e não conseguiu entender este nosso modo de agir:

— Os doentes não deviam dar de comer uns aos outros. E muito menos executar tarefas domésticas. Isso devia ser feito por empregados.

Certamente, se o Calvário fosse apenas uma Obra de Assistência. Mas não. Ele é como o limoeiro florido.

Este alguém não reparou na alegria da Rosa, inocente, a dar de comer à Fernanda, paralisada. Ela passa o tempo da refeição a rir-se para quem vai abrindo a boca com dificuldade. Por vezes, há desencontro dos lábios que se cerram e não

Continua na página 3

BENGUELA

Obra feita com o dom de muitos

NOSSO tractor vai, de vez em quando, buscar pedras e areia para a construção duma creche no coração do bairro. Os populares chamam-lhe «casa das crianças». Estas obras são necessárias. Não há dinheiro para construir coisas grandes. Com a ajuda das pessoas do próprio bairro, dando cada uma o que é capaz de dar, mais uma ajuda de dinheiro, a obra faz-se. A dinâmica do capital humano tem a força do coração. Quando

as obras são construídas no coração das pessoas, o impossível torna-se possível. O pedreiro dá o trabalho de pedreiro. O carpinteiro dá o seu. O ajudante vai carregar o tractor de pedras e areia. A terra dá o material para a construção. As nossas máquinas preparam as portas e janelas. Uma Organização não Governamental dá um pouco de dinheiro. A Lupral dá um grande desconto para a cobertura em chapas de fibro-cimento. A propósito, a Lupral tem ajudado muito a Casa do Gaiato. Todos os edifícios da nossa Aldeia estão cobertos com chapa da Lupral. É das poucas empresas que, nesta hora, vai funcionando bem para bem dos seus trabalhadores e dos que colhem o fruto do seu trabalho. Bem haja.

Enfim, é uma obra feita com o dom de muitos. É uma obra grande, porque sobre ela também está o futuro de Angola. Estou a referir-me à creche em construção no coração do bairro.

Desde que o nosso micro-infantário começou a fun-

cionar, uma luz nova entrou pelos olhos dos bebés. É uma luz que ajuda a preparar o caminho deles. Uma estrutura morta transformando-se em ninho de vida. Vamos continuar. O capital mais difícil de encontrar para obras deste género são as pessoas. São meios pobres os que temos? Pois é com esses que vamos trabalhar. É curioso! A Palavra no Evangelho deste dia, celebrada há poucas horas, falava dum título estranho de grandeza: ser como a criança; ser pequeno; ser pobre. O que serve é o maior. O mais pobre é o mais importante. Tudo ao contrário do espírito do mundo.

Os meios pobres têm muita força nas obras de Deus para os homens. Que esta sabedoria conduza os passos dos que querem servir este povo. Muito mais se poderia fazer, creio. A gente acredita naqueles que estão ao seu serviço.

Um dos sectores que fala muito à nossa gente é o da saúde. Vejo, todas as manhãs, as mães com os filhos, à busca do papel para o

posto médico. Os remédios são tão necessários como o pão para a boca. No hospital central reina a desolação. Por isso, tudo o que puder ser feito noutros centros é riqueza humana que dá esperança e vida.

Há dias, tivemos a visita do nosso grande amigo, Serafim Jorge, mensageiro da A.M.I., com a oferta de material para análises clínicas e dentárias. Estas dádivas são de muito valor. Estamos a precisar de reagentes e medicamentos. Esperamos.

Agora, uma nota que não devia ser minha mas dos rapazes: Andam entusiasmados com o campeonato de futebol, a nível de zona. Não têm bolas nem chuteiras ou «quedes» para jogar. Nem vou ver como se desenrascam. O que é certo é que andam entusiasmados. Agarram-se a mim, como se tivesse o remédio nas mãos. Não tenho outra solução que passar a bola para o vosso lado. A nossa Casa do Tojal recebe e manda. Obrigado.

Padre Manuel António

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

AUTOCONSTRUÇÃO — Nem sempre referimos alguns pequenos auxílios que distribuímos aos Autoconstrutores.

Há os que sofrem grandes dificuldades para chegarem ao telhado; o resto, porém, é mais oneroso do que a primeira etapa...

Demos, agora, a mão a um desses heróis que, apesar de doente, e porque doente, não sabemos como chegou quase ao fim da caminhada!

Além deste, e de outros que esperam vez, acentuamos os que desejam reparar e conservar a sua casita, deteriorada pelos anos. Sobre tudo os que, há muito, receberam o virtual valor da telha para acabamento da casa.

Temos, agora, mais um nessas circunstâncias que, por dificuldade, pediu a nossa mão. Correspondemos, imediatamente.

PARTILHA — Leitora de Carregosa, presente com «o cheque do costume para se aplicar no mais necessário. São tantas as carências, que esta pequena ajuda passará despercebida. Só quem gere estes pequenos valores sabe como melhor os aplicar. Oxalá, com ajuda que Deus me dá, eu possa continuar a contribuir. Cada vez há mais necessidades e cada um continua a viver a sua vida. O comodismo apoderou-se das pessoas. Querem viver o melhor possível sem pensarem nos que sofrem... Há tanta gente que poderia ajudar e nem sequer deseja saber o que se passa!... A minha oração é para que Deus nos ilumine e nos sensibilize para estes males do mundo».

Assinante 22890, de Rio de Mouro: «Já há muito tempo que não mandava uma lembrancinha. Agora, vai um cheque para auxiliar os Pobres no que for mais necessário. É parte do meu subsídio de férias, porque para mim acabaram, embora tenha a agradecer ao Senhor pela saúde que ainda me concede. Perdi o meu grande companheiro de 50 anos vividos felizes! Deus assim entendeu... Tenho somente que aceitar a vontade do Pai do Céu. Tudo o que dou aos que mais precisam, é sempre em intenção da sua alma. Não é preciso agradecer. Basta ver n'O GAIATO o meu número de assinante».

O assinante 55684, de Paço de Arcos, «pede uma oração pelas melhoras da sua mulher e destina a oferta para as despesas mais urgentes». A grandeza do Matrimónio!

Outro cheque, da assinante 9277, de Coimbra, onde Pai Américo se fez Pai dos Pobres, «para ajudar os carenciados». Mais um aviso, muito amigo: «Não é preciso agradecer». Cumprimos.

Vinte mil, da assinante 21319, de Guimarães.

«A costumada contribuição da assinante 14493, do Porto, referente ao mês de Setembro».

Cinco, de Fernanda, do Porto, «por alma de minha mãe».

Um Leitor, de Coimbra, 7.500\$00 — «sem agradecimentos e até uma próxima». É engenheiro. Um homem prático.

Canidelo (V. N. Gaia): Assinante 54597, «e família» acrescenta, af estão com «muitas desculpas por só agora mandarem este contributo. Bem hajam». Retribuímos com amizade.

Perosinho: A habitual ajuda do assinante 9790, que perora uma oração «pelos nossos irmãos de Timor. E que o ódio desapareça, o Senhor da Vida nos perdoe e ajude a sermos Homens».

Espinho: Remanescente de contas, da assinante 1866. «Vós é que sabeis como aplicar a outra metade. Deus me dê saúde para poder ajudar os Pobres. Não é preciso agradecer. Eu é que vos agradeço distribuirem esse valor».

Três mil, da «avó dos cinco netinhos», de Setúbal, «modesta lembrança do mês de Agosto com o meu carinho e amizade».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes



São dias de festa, a vindima em nossa Aldeia de Paço de Sousa — quando há bom tempo, evidentemente.

PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Felizmente, este ano é mesmo de boas colheitas. Temos muita uva e da que já apanhámos, houve bom vinho.

MILHO — Acabámos de fazer a silagem. Temos muito milho para dar às nossas vaquinhas que, por sua vez, darão muito leite.

PORCOS — Cresceram bastante e estão bem gordinhos. Nós gostamos de carne de porco.

D. LUÍSA — Veio de Malanje passar uns dias na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, para descansar. Gosta muito de crianças. E o seu pen-

samento é regressar, o mais rapidamente possível, para ajudar os nossos irmãos de Malanje.

Filipe C. David

Antigos Gaiatos de Malanje

Muitas vezes, quando entramos na imensidão que é o mar das nossas vidas, não queremos sair do sítio onde temos pé, do local em que nos sentimos seguros e amparados.

As populações angolanas não se sentem seguras nem amparadas, são obrigadas a

deixar o lugar onde têm pé e convidadas a entrar num mar agitado, afogando-se na fome, na miséria e na morte.

Há canetas ansiosas por deslizar, por marcar, criar, elaborar!... Só que há canetas de bico fino e deslizantes em papel liso, enquanto outras deslizam em papel grosso, sendo necessário um lápis de carvão.

Os mandantes da guerra também têm canetas, muitas delas caríssimas que distribuem por jovens em idade escolar, só que estas não ensinam nem educam, apenas chacinam e trazem o horror às populações, que apenas desejam ver as crianças aprenderem a escrever e a sorrir.

O NOSSO ENCONTRO — Os antigos gaiatos de Malanje reuniram, em Setúbal, nos dias

4 e 5 de Setembro com a presença, muito estimada, do nosso Padre Telmo.

Após a partilha dos inevitáveis farnéis, saboreados na Associação dos Antigos Gaiatos de Setúbal, a quem agradecemos a colaboração, seguimos para o Lar do Gaiato preparar o jantar, fazermos uma pequena reunião e dormir. Foi um jantar agradável oferecido pela esposa do amigo Alexandre.

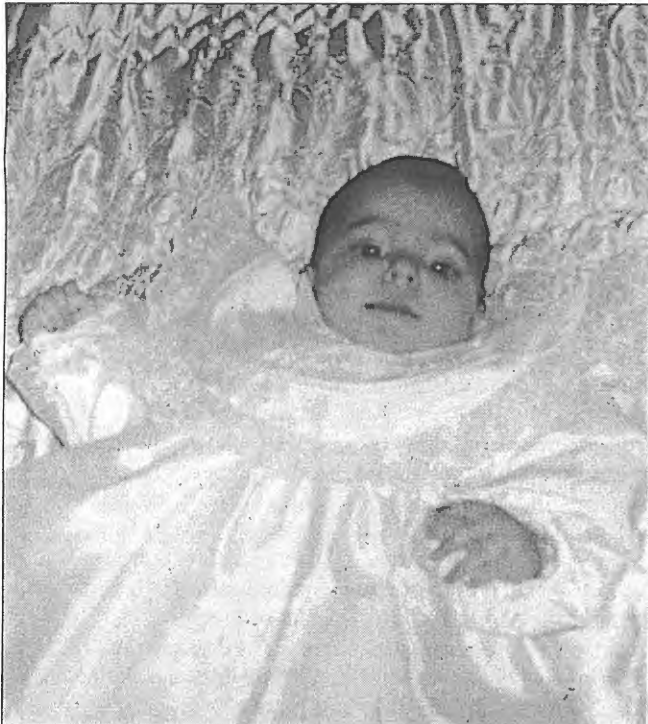
Como sempre, no domingo, o ponto alto do nosso encontro foi a celebração da Eucaristia na Capela da Casa do Gaiato de Setúbal. Os organizadores seguiram depois para o Lar, preparar o almoço, enquanto os restantes visitaram a quinta e suas instalações.

Na Missa, Padre Telmo apelou para lembrarmos sempre Pai Américo e a Obra da Rua: — *Se foi na Casa do Gaiato de Malanje que vos fizestes Homens, deveis isso à mão de Pai Américo que vos ajudou nas piores horas das vossas vidas.*

Estiveram no convívio, elementos da Associação de Antigos Gaiatos, os srs. Alexandre, Fonseca, e respectivas esposas. Dois casais que sempre ajudaram a nossa Casa do Gaiato de Malanje quando exerciam actividades profissionais em Angola. Voltem sempre, nós já os adoptámos como antigos gaiatos.

Não posso deixar de referir a presença do Melo, de Benguela, e a família. Desejamos-te as melhoras e que recuperes a alegria que sempre tiveste.

O nosso Padre Acílio, como sempre, cedeu as instalações do Lar e forneceu algumas delícias. Estava à nossa espera para dar as últimas instruções e saber das necessidades. Como é bonito saber que todos os Padres da Obra da Rua continuam com o mesmo carinho que recebemos quando éramos crianças.



Ana Isabel, filha do «Régua» e da Emília, baptizada na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

APRESENTAÇÃO

Nem tudo foi aridez em Malanje. A juntar a alegrias várias e profundas que os nossos Rapazes me proporcionaram, este achamento feliz de um poeta no seio da Comunidade!

O Orlando há-de apresentar-se aqui em seus *Retalhos de Vida*. Enquanto o não faz, vou-o eu apresentando em seus versos, ora líricos, ora de recordações de infância, ora debruçados sobre a realidade angolana — mas sempre com um pendor místico que parece ter bebido do *Cântico dos Cânticos*. Decerto ele não leu este livro da Bíblia. Mas a sua intuição poética parece adivinhá-lo.

Porque não posso abusar do espaço, escolho para abrir a mostra, este pequeno poema que ele dedicou à sua «Princesa», a quem, esta vez (e só mais outra o fez!) dá nome próprio:

ÚRSULA

*No silêncio em que dorme o mundo
Ressoa a tua voz sublime
Que oiço no cantar do vento
Pronunciando baixinho
O teu nome significante:
ÚRSULA*

*Eu sou quem de ti tanto gosta
E não tem mais que dar-te senão
O simples gesto do seu ser.*

Orlando

Tiragem média
d'O GAIATO,
por edição,
no mês de Setembro,
65.550 exemplares.

Padre Aires de Amorim

VIa a notícia tarde demais e não estive na sua despedida deste mundo.

O Senhor tem andado por aí e levado consigo valentes trabalhadores da Sua Vinha, para os quais souu a hora do descanso eterno. Padre Aires, um doente de sempre mas que nunca fez profissão de tal, só há pouco parara suas lides de pastor, acochado duramente pela idade e pelo sofrimento.

Foi precisamente um período crítico da saúde que o trouxe perto de nós, a Ordins, cuja capelania lhe facilitaria a convalescença, quer pela sua situação geográfica, quer pela dimensão das exigências pastorais. Mas ele é que não se conformou a esta pequenez; antes se deu a um trabalho de promoção social que fez do pequenino lugarejo da freguesia de Lagares, um nome conhecido pelos seus trabalhos artesanais. Quem se não lembra dos *Chales de Ordins*, tarefa principal da *Casa de Jesus Misericordioso*, que ele ergueu com uma diligência notável e que, além do trabalho e pão que dava a muitas mulheres e raparigas da Aldeia, o motivavam a fazer doutrina social — artigos que O GAIATO publicou durante muito tempo, até que, vencida a crise de saúde, pôde ocupar-se de uma paróquia?!

O Património dos Pobres conheceu então, também ali, uma maré alta que permitiu deixar solucionados os mais prementes problemas de habitação.

E em toda esta actividade, sempre a vertente pedagógica, inereute à Caridade autêntica, foi sua preocupação dominante. O povo de Ordins ficou outro depois da passagem de Padre Aires por lá.

Agora que o Senhor lhe veio dizer o «vem, bendito de meu Pai», tenho pena de não me ter despedido...

Mas sei que ele não levou a mal. E espero que LÁ seja de novo um estar mais perto de nós, que reanime a convivência de outros tempos e chame por nós ao convívio sem tempo.

Padre Carlos

O «Pão dos Pobres» e a ressonância dos Leitores

Entre a nossa gente, que trata da expedição de encomendas, ouvimos dizer que surgem Amigos pedindo dois e mais volumes do *Pão dos Pobres* (a colecção são quatro) e de outras obras da nossa Editorial.

O movimento mostra o empenho dos nossos Leitores por esta última edição saída do prelo.

Algumas notas soltas:

A assinante 42689, de Castelo de Paiva, afirma ter «o maior interesse em conhecer essa obra (de livro) de Pai Américo». E o assinante 53484, que reside em Aveiro, «gostaria de receber um volume do *Pão dos Pobres* (enviámos o primeiro), para ter assim melhor oportunidade de ver como Pai Américo era, de facto, Pai dos Pobres. Mais: ele foi natural do Lugar do Bairro, da minha freguesia de S. Salvador de Galegos. Eu sou de Pereiras, também de Galegos. Estou em Aveiro há já 32 anos. (...) Deus vos ajude a levarem a cruz até ao alto da montanha».

GRANJA DO ULMEIRO — «Ando, há dias, a pensar em vos escrever, o

que passo a fazer hoje, pedindo o envio do terceiro volume do *Pão dos Pobres* — maravilhosa mensagem de Amor que nos deixou o querido e santo Pai Américo — que várias vezes tenho pedido e fui sempre informada de que não havia, pois estava esgotado. Agora, vejo na penúltima edição d'O GAIATO, lido sofregamente, que há já uma nova publicação que espero com ansiedade».

AVEIRO — «Muitas vezes o meu pensamento vai para vós, mas há sempre algo que me distrai e um dia após outro vai o tempo passando. Hoje, que louvei a Mãe de Cristo, e com a sua Graça, aproveito enviar um cheque, pois sei que aí é mais proveitoso do que aqui, no Banco. Quero fazer um pedido: a remessa do livro *Pão dos Pobres*. Ainda não tenho nenhum, da vossa Editorial, e gostaria de conhecer um pouco mais o vosso Pai Américo».

Obviamente, há hoje muita gente que desconhece ou pouco conhece da vida e Obra de Pai Américo!

Júlio Mendes

COLECÇÃO

EDITORIAL DA CASA DO GAIATO

Volumes da autoria de Pai Américo:

1. PÃO DOS POBRES — 1.º volume (5.ª edição)
2. PÃO DOS POBRES — 2.º volume (5.ª edição)
3. PÃO DOS POBRES — 3.º volume (4.ª edição)
4. PÃO DOS POBRES — 4.º volume (1.ª edição)
5. OBRA DA RUA — (4.ª edição, actualizada)
6. ISTO É A CASA DO GAIATO — 1.º volume (3.ª edição)
7. ISTO É A CASA DO GAIATO — 2.º volume (2.ª edição)
8. BARREDO — (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos)
9. OVO DE COLOMBO — (2.ª edição)
10. VIAGENS — (2.ª edição — reordenada e aumentada)
11. DOCTRINA — 1.º volume (2.ª edição — aumentada)
12. DOCTRINA — 2.º volume (1.ª edição)
13. DOCTRINA — 3.º volume (1.ª edição)
14. CANTINHO DOS RAPAZES — (2.ª edição)
15. NOTAS DA QUINZENA
16. DE COMO EU FUI...
17. CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

Volumes de outros Autores:

18. SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO DO PADRE AMÉRICO
João Evangelista Loureiro
19. CALVÁRIO (3.ª edição — reordenada e aumentada)
Padre Baptista
20. A PORTA ABERTA
PEDAGOGIA DO PADRE AMÉRICO — MÉTODOS E VIDA (2.ª edição)
Obra compilada por Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte
21. O LODO E AS ESTRELAS (3.ª edição — aumentada)
Padre Telmo Ferraz
22. ESBOÇO DE CRONOLOGIA DA VIDA DO PADRE AMÉRICO
Manuel Mendes
23. UM GRANDE EDUCADOR PORTUGUÊS DO SÉCULO XX
João Evangelista Loureiro
24. PADRE AMÉRICO — MÍSTICO DO NOSSO TEMPO
Padre José da Rocha Ramos

Calvário

Continuação da página 1

peritem a entrada da colher. Mas a Rosa fica feliz quando acaba o seu trabalho:

— Ela já comeu tudo!

Executa diligentemente o trabalho e fica naturalmente contente quando o termina.

A Rosa não está à espera de paga para se alegrar com o que faz.

— Pronto. Já está!

Quantos frutos destes não rebentam aqui todos os dias!

Como o limoeiro, o Calvário está sempre a produzir, pois tem no seu meio muitas Rosas que dão fruto e só desejam que o saibamos colher e provar.

Padre Baptista

Senhor Padre Cristóvão desculpe o transtorno de não irmos até Sintra, como estava previsto. A presença do nosso Padre Telmo obrigou a anteciparmos o convívio.

Manuel Barrigas e Tomás cumpriram e a organização foi impecável. O Zézito e o Manuel Fernandes organizarão o próximo encontro, marcado para Coimbra. Façam o melhor.

Partimos na alegria de um reencontro e reparamos muitos abraços fraternos. Só Padre Telmo recebeu centenas!... Eu contei.

Ele não veio passar férias. Andou a pedir ajuda para as crianças de Malanje e passou estes dias muito pensativo e preocupado com os filhos que deixou.

Já regressou a Malanje com muita alegria, levando na bagagem contentores de leite em pó e outros bens necessários. É pouco, disse, mas faz tanta falta àquelas crianças!

Deixamos uma lembrança para o povo de Timor e suas crianças, também.

Manuel Fernandes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Todas as quinzenas a nossa Conferência reúne no Lar do Gaiato do Porto, para assim



MOÇAMBIQUE — Eis o grupo que recebeu a primeira Comunhão, na escadaria da Capela da Casa do Gaiato, em construção.

podermos relatar a visita aos Pobres.

Ontem foi dia de reunião e as notícias não foram muito agradáveis.

Uma família que é visitada, tem uma filha de 23 anos com sida. Está a passar um mau bocado, mas o que mais nos chocou para além da gravidade da doença, é que, para o tratamento diário, gastam uma fortuna em medicamentos apesar de comparticipados. Se não fosse a nossa Conferência, com a vossa ajuda, como seria a

situação desta família, pois trata-se de pessoas pobres, moral e materialmente. Os visitantes têm tido dificuldade para os orientarem, mas com a ajuda de Deus, lá se vão ajustando e acompanhando o melhor que podem e sabem.

Criaram o rendimento mínimo que veio ajudar muitas famílias, mas esqueceram-se da assistência medicamentosa que, infelizmente, é um bem que *come* à mesa no seio de muitas famílias pobres.

Queremos apelar aos funcio-

nários das Escolas, Hospitais, Centros de Saúde, Caixas de Previdência, Centros de Dia, ATL, Juntas de Freguesia, Câmaras, Tribunais, e a todos aqueles que podem colaborar com este doente. Não viem a cara ou fiquem indiferentes. Por vezes, eles nem sabem pedir. Para serem ouvidos, até são *grosseiros*. Julgam que assim conseguem os seus objectivos. Só que a maior parte deles e delas estão cansados de serem *corridos* de um lado para o outro.

Haja Humanidade! Não custa muito. É só fazer um pouco de esforço. A nossa estadia na terra é uma passagem muito curta; e fazer o Bem aos Outros só enquanto estamos vivos. Vamos todos dar as mãos para que tenhamos uma sociedade mais saudável.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 62402, 5.000\$00; Amiga Lígia, 15.000\$00; Amigo, de Lisboa, 25.000\$00; Maria Marques, vale de 10.000\$00; J.R.D.,

2.000\$00; anónimo, 1.000\$00; Jorge Coelho, 7.500\$00; Anónimo, 5.000\$00; assinante 22801, 5.000\$00; assinante 11282, 10.000\$00; Dolores, 1.000\$00; assinante 56964, 25.000\$00; Maria Carrero, 5.000\$00; assinante 22890, 20.000\$00.

Bem haja, a todos, pelas vossas ofertas e palavras de amizade.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

ENCONTROS em Lisboa

Uma história

DEPOIS das férias, o mês de Setembro foi trazendo, a uma velocidade impressionante, acontecimentos que marcam a nossa vida. Foi o casamento do Carlos e, neste momento, já nos preparamos para o casamento do Zeca Abílio. Tudo isto certinho como Deus é servido: alegria, paz, sentido de missão cumprida. Eles fundam uma nova família depois de crescerem, durante muitos anos, nesta família adoptiva que somos todos nós. Veio também, neste mês, o início das aulas: é vê-los eufóricos, embora alguns vão confidenciando que era melhor não haver aulas, mas sem aulas não há cursos profissionais e sem cursos profissionais não há empregos...

Neste mês, como vem acontecendo todos os anos, houve eleições para o chefe maior. Foi no dia 4 de Setembro. Eram 86 eleitores, tantos são os que têm mais de 14 anos, mas, por razões diversas, justificadas, só estiveram 79. Este ano houve uma característica especial: em vez de um chefe, foram eleitos dois. O Toninho para durante o dia

até à hora do Terço e o Bruno Pereira a partir daí. Escola, empregos, cursos profissionais assim obrigaram.

Foi a continuidade da nossa confiança nos rapazes. Podíamos ter monitores experientes, mas são os rapazes numa Obra que é deles, para eles e por eles. É uma felicidade ver crescer esta gente, não só no corpo, mas também no seu interior. Pai Américo tinha razão. Esperemos que as novas modas não nos façam desanimar desta intuição, porque quem perderia, seriam os rapazes.

Mas o mês de Setembro trouxe também as suas dores com uma história que já se prolonga há nove meses e não se lhe vê fim à vista. Foi em dia de Nossa Senhora das Dores. Lembrei-me dEla junto à Cruz e pedi-Lhe que estivesse também connosco.

Pensei não dizer nada. Muitas pessoas se me dirigiram com amizade e solidariedade. Tive apenas um telefonema que, primeiro, me agreei verbalmente e, depois, me desligou o telefone. Senti que devia dizer alguma coisa aos Amigos e Leitores, sobretudo, face aos 147 rapazes que tenho em Casa e se sentiram ofendidos

pelo programa «Quero Justiça» emitido pela TVI. Diariamente atravessam o portão da nossa Casa, sempre aberto, cerca de oitenta e cinco rapazes, quer para cursos profissionais, quer para empregos, quer para as diferentes escolas da área. No dia do programa e nos seguintes, cerca de quarenta jovens se me queixaram de que foram vítimas de chacota por parte dos colegas. Quem lhes faz justiça? Os nossos rapazes já têm muitas etiquetas com as quais têm de lidar e ultrapassar para encontrar um lugar na sociedade. Com este programa ficaram injustamente mais sobrecarregados.

Quando fui contactado para estar no programa ou fazer um depoimento perante as câmaras, declarei que estaria disponível para falar com um jornalista, forne-

cendo-lhe toda a informação a fim de ele poder ajuizar da situação, mas que não apareceria nem autorizaria que fossem feitas filmagens no interior da instituição. Razões desta minha posição: Se é verdade que o adolescente está a sofrer, é também verdade que nós também sofremos porque foi nosso durante doze anos, temos-lhe amor e não queremos transformar a dor em espectáculo televisivo.

Se existe problema nunca nos negámos a falar com o dito adolescente, aliás conivente, segundo apurámos na altura, no assédio dos «mais velhos», os quais, afinal não passava de um adolescente também, de catorze anos. De resto, o problema encontra-se entregue no Tribunal de Menores, sede própria para julgar esta questão.

É espantoso este escândalo farisaico perante um acontecimento conhecido entre quem lida com estas situações e especialmente compreensível entre rapazes que, nos estratos sociais

degradados donde vêm, muitas vezes assistiram, pequeninos, a cenas que hoje qualquer um pode ver em tantas emissões televisivas que dilatam a degradação de certos estratos para a sociedade em geral. É lamentável que não seja a preocupação da verdade e da justiça a motivação de programas assim.

Permito-me desejar à TVI (e a toda a Comunicação Social) que não produza programas apenas pelo lucro das audiências ou do escândalo fácil porque pode aviltar quem faz o programa, quem nele participa e quem é visado, em vez de contribuir para dignificar o homem.

Padre Manuel Cristóvão

TRIBUNA DE COIMBRA

O pão que repartes connosco

HÁ tanto tempo que não damos conta do «vai-e-vem» constante dos nossos Amigos; da sua presença e dos seus donativos.

Queremos recordar sempre essa corrente de Caridade que tanto identifica quem partilha como define quem recebe. Nunca deveríamos deixar subtrair este vocábulo — Caridade — à nossa linguagem comum ou considerá-lo desadequado ao tempo... Ele exprime a mais profunda realidade da partilha cristã.

Seria tão bom que a partilha dos bens terrenos tivesse na sua motivação mais profunda a partilha de Deus para connosco, de tal modo que — como nos recorda a oração da Igreja — «... O pudéssemos ajudar em toda a nossa vida», retribuindo em obras de Caridade o amor e a benevolência que dEle nos vem.

É assim que procuramos entender o simples cheque com muito ou pouco que nos enviam; o saco de roupa ou calçado usados e outros bens necessários. Pedimos continuamente a Deus que nos livre da visão puramente humana das coisas. A educação dos rapazes não se faz com «o ter as coisas». A sociedade está cheia de projectos falhados por assentar em, precisamente, e só, nos meios, nas técnicas, nos projectos. Nós tememos esta mentalidade. O essencial, o necessário, isso sim, sem regatear os meios. Se percebemos ultrapassadas as atitudes educativas que porventura evoquem como referência positiva um passado de privações: «antigamente é que era», não deixamos de sentir a dificuldade em educar para os verdadeiros valores num ambiente cultural em que a ambição e a sede desenfreada de possuir é uma provocação constante. Quantos dos nossos rapazes por vezes não entram nesta confusão, apesar dos nossos apelos constantes!...

O pão que repartes connosco não pode deixar de brotar daquela pureza de voz e atitude com a qual Jesus nos ensinou a suplicar: «... o pão nosso de cada dia nos dai hoje...» Não deixes de partilhar com este espírito. Ajuda-nos a reparti-lo da mesma maneira.

Sá Campos Gil, 11 mil todos os meses. Jovens, de Pataias, com 70 mil. O casal, das Meãs, com os 4 mil mensais. Brás, de Serpins, com 20 mil. Piedade, 10 mil. Outros 10 mil, de Pedro. 20 mil, de Arlindo, de Coimbra. 150 mil, de Faustino. 20 mil, de Miranda do Corvo. 100 mil, de Carlos Alberto, de Coimbra. 50 mil, de família, de Espite. Os 1.500 mensais, de Mira. Dr. Galdes Freire com 30 mil. Os mensais 5 mil, de Vila de Pereira. Frequentes os cheques de João Mendes, da Sertã. 5 mil, de Gisela. 50 mil, de Hengler. 30 mil, de Ambrósio. Outros tantos, de Manuel, de Lervão. Adelaide, de Soure, 10 mil pontuais. Antigo ourives, de Coimbra, 40 mil. Valter, de Pombal, com 150 mil. A contribuição mensal de Santos Minga e transferência directa à nossa conta da Cerâmica Rodeio e de A. Silva Rodrigues. 20 mil, a recordar a partida para a Eternidade de vizinho nosso. 100 mil, de Glória, da Figueira da Foz. Pelas mãos de Ester, o resto da festa de Febres. Nos antigos gaiatos, Laudemira com 25 mil. Os 10 mil pontuais, de Adelina, de Coimbra e um sempre lindo cartão de palavras. 140 mil, de Ofélia, de Coimbra. A Esmeraldina, de Sever, com 20 mil. Regina, da Lousã, com 10 mil. A Dra. Cristina, com o seu subsídio de férias: 296 mil, arredondados. 50 mil, de uma Nazaré, e outros tantos de uma Alzira. A Imelda 100 mil, e o anonimato como agradecimento. Mais 20 mil, de Mortágua. 500 mil, de Marino, a recordar a morte trágica de sua esposa. Os 3 mil, mensais, de M. O. Velho. Mais 100 mil, de anónimo, de Aveiro; e outros tantos, de Maria Leal. 25 mil, de Bustos, e 5 mil e dez mil de Elvas.

Foi uma volta de Maio a Agosto. De momento, há cheques de mil, 2 mil e cinco mil. No Lar de Coimbra, registámos também o que lá é entregue. Os novos assinantes vão aparecendo, pela falta de distribuição nas ruas. As nossas Festas mostraram grande amizade e generosidade nas capas e nas bilheteiras. Que o Pai do Céu a todos recompense.

Padre João

PENSAMENTO

Se entrares numa igreja na maré em que eu celebro Missa, sabe que estou a servir o Pobre no Altar.

PAI AMÉRICO

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Aflições que pedem a nossa ajuda

O telefone chamou. Era a voz de um presidente numa Conferência vicentina de uma freguesia portuguesa a pedir a nossa ajuda: «Temos duas aflições muito grandes e vimos pedir a vossa ajuda. Passe por aqui logo que possa». Combinámos logo a nossa passagem.

No dia e hora combinados, aparecemos. Deixámos

a nossa carrinha e tomámos lugar no carro. Só parámos no cruzamento do quelho que dá acesso a uma série de habitações clandestinas e no topo entramos no pátio onde vive a família, numa casota, incluindo o filho paraplégico.

O jovem doente a quem se juntou uma rapariguinha, viveram alguns anos num pobre barraco situado no

quintal dos pais. No Inverno passado, devido ao tempo e à chuva, foi viver com os pais e os irmãos, amontoando ainda mais a família. A Conferência vicentina propôs construir uma casinha e levou a construção até ao telhado, mas não foi capaz de a acabar.

Diante deste quadro familiar não vimos outro remédio: Dar conhecimento aos

nossos Leitores e contarem com a nossa ajuda. Estava presente um construtor amigo e, logo ali, combinámos acabar as obras.

Retomámos o carro e dirigimo-nos, através de muitas ruas e já noutra freguesia para onde veio outra família, composta pelo casal, duas filhas e a mãe dela, que foi acometida por uma trombose que a deixou paraplégica. Vivem num casebre deficiente e o dono, depois de ameaças de despejo, foi lá com o Tribunal e pô-los fora, na rua.

A Conferência procurou solução e encontrou um rés-do-chão para onde os Pobres foram habitar. A renda é elevada. Só a mulher ganha, em trabalho humilde, e o ganho não chega para sustentar o agregado e para a renda de casa.

Depois de visitarmos esta gente e onde vivem, não fomos capazes de descansar. Anunciamos aos Leitores mais esta aflição a que não podemos ser estranhos.

Bem sabemos que não podemos ajudar a todas as aflições humanas; mas, ao menos, atendemos as que encontramos ou de que nos é dado conhecimento. Estamos atentos à vida dos Outros para sermos uma Família autêntica.



Esta casa foi uma das aflições

Padre Horácio